

ENTRE A RUA E A REDE: A FORÇA POLÍTICA DA PERFORMANCE

[BETWEEN STREET AND NETWORK: THE POLITICAL STRENGTH OF PERFORMANCE]

MARCELA FILIZOLAⁱ

ORCID 0000-0003-2966-1446

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resenha: FUENTES, Marcela A. *Performance Constellations: Networks of Protest and Activism in Latin America*. Ann Arbor, USA: University of Michigan Press, 2019.

Palavras-chave: performance; ativismo; mídias digitais; América Latina

Em 2016, a pesquisadora, bailarina e performer Lucía Naser escreveu em um *post* de *Facebook*: “Contar a história do que resiste também é uma forma de pensar a transformação” (NASER *apud* FUENTES, 2019, p. 22)¹. A frase é recuperada por Marcela A. Fuentes, pesquisadora argentina de estudos da performance e professora na Northwestern University, nos Estados Unidos, no livro *Performance Constellations: Networks of Protest and Activism in Latin America* (ou *Activismos tecnopolíticos: constelaciones de performance*, na edição em espanhol), ainda sem tradução para o português. A obra busca explorar diferentes ações políticas na América Latina para pensar a força transformadora desses acontecimentos contra-hegemônicos.

Como alguém que cresceu durante a ditadura civil-militar na Argentina (1976-1983), Fuentes pontua na primeira frase de sua introdução o significado para ela da ocupação das ruas como ferramenta democrática. Para a autora, “ocupar espaços públicos coletivamente é uma das formas mais radicais de performance política” (FUENTES, 2019, p. 1)², de modo que analisar as constelações de performance a partir de ações

¹ Todas as traduções são minhas. No original: “Contar la historia de lo que resiste también es una forma de pensar la transformación.” (NASER *apud* FUENTES, 2019, p. 22)

² No original: “[...] taking over public space collectively is one of the most radical forms of political performance.” (FUENTES, 2019, p. 1)

ativistas na América Latina é também um gesto de memória, de relembrar o passado para que este não seja esquecido e para que se abram futuros possíveis (FUENTES, 2019, p. 22).

É por esse viés que a pesquisadora analisa, em seus quatro capítulos, protestos ocorridos no México, na Argentina e no Chile desde a década de 1990 até tempos mais recentes. O intuito de *Performance Constellations* é refletir sobre o papel do mundo digital para o ativismo e os protestos de rua e como esse entrelaçamento procura construir críticas ao sistema político representativo e ao neoliberalismo. A pesquisa aponta o lado paradoxal das redes [*networks*], que são tanto um espaço virtual que busca seguidorxs³ e a exaltação desse sujeito autossuficiente, “*donx de si*”, quanto um meio de repensar a corporeidade para além do individual, gerando coletividade através de cada participante e indo do local para o global.

Como podemos entender esse “nós” coletivo presente nas ruas de forma física, mas também atuante digitalmente? Existe interdependência entre a luta política online e offline? De que forma a multiplicidade de performances, que opera em plataformas diversas, coloca-se como uma força contra o neoliberalismo e suas práticas exploratórias? Em diálogo com importantes nomes do estudo da performance e das mídias digitais, como Diana Taylor e Peggy Phelan, essas são algumas das questões levantadas por Marcela Fuentes a partir do conceito de performance, entendida não como um fim, mas como um meio, ou seja, sem focar na produção de um objeto final, e sim expondo a potência do processo, que pode ser replicado e expandido globalmente. As performances analisadas procuram criar movimento, uma rede que reverbera de participante em participante e gera um corpo coletivo no espaço público das ruas e das mídias sociais.

No primeiro capítulo, “Assembling Convergence Online: NAFTA, the Zapatistas, and the Electronic Disturbance Theater” [“Reunir a convergência online: Nafta, zapatistas e o *Electronic Disturbance Theater*”, em tradução livre], a pesquisadora explora a ação online do coletivo *Electronic Disturbance Theater* (EDT — Teatro de Distúrbio Eletrônico), inovadora em 1998, em apoio ao movimento zapatista mexicano que se posicionava contra o Nafta, o acordo de livre-comércio entre Estados Unidos, México e Canadá, e buscava práticas mais democráticas, sendo violentamente repreendido pelo

³ A escolha do uso da linguagem neutra segue a edição em espanhol do livro, traduzido por Mariano López Seoane (2020).

governo. A tática utilizada por ativistas chama-se *sit-in* virtual, funcionando como um ato estritamente online. Seu objetivo é solapar conglomerados ao utilizar seus próprios canais para atingi-los, ou seja, é uma prática de desobediência civil que procura transformar a internet em um espaço público de resistência, trazendo fisicalidade ao meio de comunicação. Todxs xs participantes entram em um mesmo site ou em vários sites com o objetivo de sobrecarregá-los através da repetição de cliques de ativistas para impedir seu funcionamento. Hoje considerado crime nos Estados Unidos, os *sit-ins* virtuais são uma ilustração de como a performance pode ser feita em espaços digitais, criando um corpo virtual e coletivo em vez de ser um espaço desencarnado (FUENTES, 2019, p. 25). O interesse da pesquisadora é exatamente a justaposição desses dois espaços como possibilidade de luta política:

Para entender os *sit-ins* virtuais como constelações de performance de convergência, isto é, como performances que articulam a ação coletiva a partir da participação não articulada, precisamos nos concentrar nas redes, particularmente em seu funcionamento, e nos processos que as redes facilitam e intensificam. [...] As tecnologias eletrônicas digitais facilitaram um aumento exponencial na capacidade dos sistemas de processar informações, impactando o volume, a complexidade e a velocidade das transferências em rede. O aumento do poder de processamento dos sistemas contribuiu para promover a lógica capitalista de acumulação, permitindo a globalização da produção, da circulação e das transações de mercado e oferecendo a capitalistas oportunidades cada vez mais vantajosas.

Simultaneamente, as redes introduzem novos protagonismos e forças no processo de organização social. Como as redes informacionais permitem diferentes vetores de comunicação entre seus nós, quem atua em contrapoder na sociedade em rede é capaz de criar suas próprias rotas e comportamentos de comunicação com relativa autonomia dos centros de poder. (FUENTES, 2019, p. 33-34)⁴

O segundo capítulo, “Articulating Local and Global Resistance: Fugitive Capital and On-/Offline Protests in Argentina” [“Articular resistências locais e globais: capital fugitivo e protestos on/offline na Argentina”], concentra-se na relação das mídias digitais com os painelaços na Argentina no início dos anos 2000, o que, segundo a autora, foi um

⁴ No original: “To understand virtual sit-ins as performance constellations of convergence, that is, as performances that articulate collective action from disjointed participation, we need to focus on networks, particularly on their workings, and on processes that networks facilitate and intensify. [...] Digital electronics technologies facilitated an exponential increase in the capacity of systems to process information, impacting the volume, complexity, and speed of networked transfers. The increase in systems’ processing power contributed to further the capitalistic logic of accumulation, enabling the globalization of production, circulation, and market transactions and offering capitalists increasingly advantageous opportunities.

Simultaneously, networks introduce new actors and forces in the process of social organization. Because informational networks enable different communication vectors between the nodes of the network, actors performing counterpower in the network society are able to craft their own communication routes and behaviors with relative autonomy from power centers.” (FUENTES, 2019, p. 33-34).

dos maiores movimentos de resistência antiglobalização. Nesse momento, ativistas começaram a usar tanto os protestos nas ruas quanto os protestos online de forma simultânea para obter resultados e influenciar a elaboração de novas políticas, o que se consolidaria com as redes sociais nos protestos de 2011 em diferentes regiões do mundo (FUENTES, 2019, p. 43). Os painéis, presentes em diversas situações de crítica e reivindicação política na história mundial, são uma forma das pessoas exporem sua desconfiança com relação ao sistema, podendo ser usados como um meio de protesto tanto por direitistas quanto esquerdistas. No caso da Argentina, as ações ocorreram diante da crise econômica de 2001, um prenúncio da crise financeira mundial de 2008, servindo como uma ferramenta de pedido de *impeachment*. O mundo virtual foi usado para a disseminação de informações, como a apresentação de PowerPoint *Argentina2001.ppt* enviada por e-mail para explicar cada etapa da crise com uma dose de ironia, pois imitava um livro de receitas e mostrava o passo a passo de como levar um país à instabilidade e a um estado explosivo (FUENTES, 2019, p. 54). Ao tensionar o espaço abstrato de fluxo de capital e ganhos financeiros do mundo virtual, a tática denuncia os efeitos de políticas macroeconômicas em comunidades locais (FUENTES, 2019, p. 44).

O livro, então, recorre aos protestos estudantis de 2011 no Chile para aprofundar sua crítica ao capitalismo na era digital, argumentando que no sistema neoliberal a educação funciona como um investimento pessoal e não como um direito e, portanto, a dívida estudantil passa a ser uma forma de acesso à educação para se ter mobilidade social (FUENTES, 2019, p. 68-69). No capítulo 3, intitulado “Expanding Moves, Enacting Futurity: Debt Governance, Transmedia Activism, and the Chilean ‘Fearless Generation’” [“Expandir movimentos, dramatizar o futuro: o governo da dívida, o ativismo transmidiático e a ‘geração sem medo’ chilena”], Fuentes comenta que, através da ocupação “do espaço físico e virtual [...], estudantes contestaram a hegemonia do ‘tempo da dívida’ como uma técnica de subjetivação e controle neoliberal” (FUENTES, 2019, p. 68)⁵. A primeira geração nascida no sistema democrático após a ditadura militar chilena (1973-1990) foi chamada de “geração sem medo” por promover marchas e ocupações, e, conforme a criminalização dos protestos estudantis aumentou, tais estudantes buscaram maneiras de reinventar práticas individuais, concentrando-se na

⁵ No original: “Occupying physical and virtual space through corporeal and temporal arrangements that defied urban protocols, students contested the hegemony of ‘debt time’ as a technique of neoliberal subjectivation and control.” (FUENTES, 2019, p. 68).

convivência coletiva e não hierárquica na tentativa de outras formas de organização que fugissem à verticalidade do sistema representacional (FUENTES, 2019, p. 70-71).

Explorando o apelo estético da cultura pop e procurando engajar mais participantes em suas ações, estudantes fizeram a famosa dança de *Thriller*, grande sucesso de Michael Jackson, não só ocupando espaços públicos com a coreografia, mas também utilizando a estética zumbi como forma de viralização e expansão dos protestos para além da comunidade local. O papel das redes sociais foi de amplificação da cena, o que permitiu também a reprodução da ação em qualquer lugar do mundo, uma vez que os motivos de protesto não são específicos desse país ou dessa região. Segundo a pesquisadora,

esta coreografia liga a crise do endividamento de 2010 ao processo de desindustrialização dos Estados Unidos da década de 1980 e, nesse sentido, cria um vetor adicional em uma constelação de performance mais ampla que atravessa fronteiras, desencadeando movimentos insurgentes contra as mutações capitalistas. (FUENTES, 2019, p. 76)⁶

O último capítulo antes da conclusão, “Contesting Disappearance after Ayotzinapa: State Terror, Hashtags, and the Pulsating Event” [“Contestar desaparecimentos após Ayotzinapa: terrorismo de Estado, hashtags e o acontecimento pulsante”], é dedicado aos 43 estudantes desaparecidos no México em 2014 e ao uso de hashtags como tática de resistência e não apenas como uma ferramenta de resposta rápida a curto prazo (FUENTES, 2019, p. 91). A linguista Michele Zappavigna explicita a dupla face das hashtags e das redes sociais, uma vez que servem tanto como forma de divulgação de si no empreendedorismo individual capitalista quanto funcionam como uma maneira de criar comunidade, expondo valores com os quais outras pessoas podem se identificar e se associar (ZAPPAVIGNA *apud* FUENTES, 2019, p. 89). Para Fuentes, as hashtags também são decisivas para o *momentum* dos protestos, pois o tempo de “efemeridade duradoura” das redes obriga ativistas a se reinventarem, a sempre buscar novas formas, novas saídas para sobreviver ao algoritmo (FUENTES, 2019, p. 91-92).

Conforme argumenta a pesquisadora, “[h]ashtags são componentes essenciais da tecnopolítica, uma forma contemporânea de mobilização política que se apropria ou inventa ferramentas digitais para gerar ação e organização coletivas” (FUENTES, 2019,

⁶No original: “In the Chilean contest, this choreography links the 2010s debt crisis to the 1980s US process of deindustrialization, and, in that sense, it creates an additional vector in a broader performance constellation that spans across borders, sparking insurgent moves against capitalist mutations.” (FUENTES, 2019, p. 76).

p. 99)⁷. Ativistas mexicanxs organizaram protestos locais e ao redor do mundo com as hashtags #Ayotzinapa e #TodosSomosAyotzinapa, de modo a unir ações online e nas ruas. Também foram divulgadas fotos dos estudantes desaparecidos, o que contrastava com a forma como eram tratados pela mídia tradicional, não sendo apenas uma estatística e uma vítima anônima, mas ganhando um nome e um passado (FUENTES, 2019, p. 96).

A conclusão do livro concentra-se no coletivo feminista argentino *Ni Una Menos* e sua atuação nas ruas e nas redes. Como aponta a autora, são os corpos que sofrem formas de opressão em seus muitos níveis e diferenças que conseguem criar elo com outrxs para, quem sabe, encontrar saídas:

‘Juntas somos infinitas’, ‘a onda verde’, *scarfazos* e outras performances discursivas e corporais de coletividade exemplificam uma compreensão feminista da política do corpo para além de corpos individuais e claramente demarcados, como aqueles fomentados pela retórica neoliberal de autoaperfeiçoamento, esforço individual e meritocracia. (FUENTES, 2019, p. 111)⁸

Assim, Marcela Fuentes reforça o que parece ser a proposta de seu trabalho: pensar novas noções de corpo por meio desse entrelaçamento que procura desafiar o próprio conceito de indivíduo, de modo a questionar modelos hegemônicos de poder.

Recebido em 23/10/2021
Aceito em 06/01/2021

ⁱ **Marcela Filizola** é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura (UFRJ) com bolsa Faperj Doutorado Nota 10 e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. Desenvolve pesquisa nas áreas de teorias feministas, artes visuais e literatura comparada. **E-mail:** filizola.marcela@gmail.com

⁷ No original: “Hashtags are essential components of *technopolitics*, a contemporary form of political mobilization that appropriates or invents digital tools to generate collective action and organization.” (FUENTES, 2019, p. 99)

⁸ No original: “‘Together we are infinite’, ‘the green tide’, *scarfazos*, and other discursive and bodily performances of collectivity exemplify a feminist understanding of body politics beyond individual, clearly demarcated bodies, such as those fostered by the neoliberal rhetoric of self-improvement, individual effort, and meritocracy.” (FUENTES, 2019, p. 111)